



ORGANIZADORAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA

Enrosca ou desenrosca?

**Adivinhas, trava-línguas e
outras enroscadas**

ILUSTRAÇÕES: MARCELO CIPIS

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

● Leitor iniciante

Moderna
Contigo criamos leitores

De leitores e asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*

[]

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.*

*Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

[]

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

— UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

— RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

— COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

— PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

— LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero

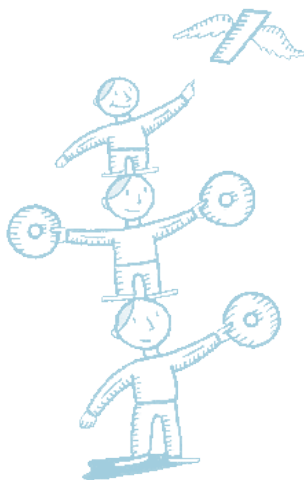


Enrosca ou desenrosca?

Adivinhas, trava-línguas e outras enroscadas

MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA

ORGANIZADORAS



UM POUCO SOBRE AS ORGANIZADORAS

Maria José Nóbrega

Nascida em outubro de 1952, na Casa Verde, em São Paulo. Do tempo de menina, guardou a memória das brincadeiras que desabrocharam com toda a força quando nasceram suas duas filhas. Foi o desejo de compartilhar com elas as brincadeiras de sua infância que fez com que começasse a colecionar parlendas, adivinhas, trovas, cantigas...

Como professora, descobriu a força desses gêneros para ensinar crianças a ler e a escrever e, assim, segundo ela, *fazer com que entrem no mundo da escrita de braço dado com a tradição oral de nosso povo.*

Maria José tem mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP — Universidade de São Paulo. Participou da equipe de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos). Atua como assessora de Língua Portuguesa na concepção de programas de formação continuada de professores da rede pública de São Paulo.

Na Editora Moderna, coordena o programa “Contigo criamos leitores”, que tem como objetivo oferecer aos educadores uma proposta articulada para o trabalho com a leitura de obras literárias na escola.

Rosane Pamplona

Nascida na cidade de São Paulo, viveu sua infância na Avenida Paulista, em um tempo em que ainda era possível brincar nas ruas, com a turma do quarteirão. Passava suas férias “na roça”, como ela diz, e foi lá que aprendeu a dizer versos bonitos na brincadeira de roda. Lembra-se da alegria genuína que sentia brincando de gato-e-rato, de pular corda e de cabra-cega. Acredita que essas experiências instigaram nela a curiosidade, a admiração e o amor pela língua. É professora, formada em Letras pela USP — Universidade de São Paulo. Trabalhou em várias escolas e universidades, mas atualmente ganha a vida com seus livros, dando cursos de formação para professores e também se apresentando como contadora de histórias.

Escreveu *Novas histórias antigas*, *Outras novas histórias antigas* e *A princesa que tudo sabia... menos uma coisa*, pela Brinque Book.



RESENHA

Em *Enrosca ou desenrosca?*, (re)encontramos a poesia como provocação e brincadeira, disfarçada de adivinha e de trava-língua. As adivinhas, da primeira parte do livro, nos desafiam a encontrar sentidos ocultos por trás das palavras, palavras essas que nos dão pistas, mas ao mesmo tempo confundem e enganam, nos obrigando a enxergar para além do sentido literal. Os trava-línguas, por sua vez, brincam com a sonoridade das palavras — repetições e aliteraões escolhidas sob medida para fazer com que nossa língua tropece e as palavras se embaralhem. Se as adivinhas nos desafiam explorando os diferentes sentidos das palavras, os trava-línguas trapaceiam conosco ao jogar com a sonoridade da linguagem.

Tanto um gênero quanto outro nos revelam a imensa riqueza técnica da poesia popular, que, em busca do lúdico, explora a linguagem em todas as suas possibilidades — no plano do sentido ou no plano da expressão. O que temos aqui, afinal, é a própria língua encarnada em brincadeira. Finalidades como a comunicação e a transmissão de conteúdos saem de cena para dar lugar às múltiplas possibilidades poéticas da linguagem humana.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Enrosca ou desenrosca? é composto de adivinhas e trava-línguas, gêneros que podem “enroscar” o leitor por motivos bem diferentes.

A adivinha envolve uma charada a ser decifrada. O texto contém muitas analogias, exigindo que o leitor desvende o que está escondido nas comparações e metáforas. Algumas são introduzidas pelo mote “O que é? O que é?”; outras assumem a forma de uma quadrinha rimada que facilita a memorização.

Por envolver enigmas que precisam ser interpretados, as adivinhas desenvolvem a compreensão leitora, pois, para desvendá-las, não basta apenas decifrar o que está escrito: é preciso destrinchar o sentido que se esconde nas descrições despistadoras que procuram dificultar a descoberta.

O trava-língua é uma brincadeira verbal na qual ocorre tanto a repetição de palavras parecidas como a repetição insistente de sons, as aliteraões, provocando dificuldades para sua enunciação. Quem tenta falar depressa corre o risco de enrolar a língua.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Educação Artística

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor iniciante



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Chame a atenção para o subtítulo: “Adivinhas, trava-línguas e outras enroscadas”. Pergunte quem conhece alguma adivinha ou algum trava-língua para compartilhar com os colegas. Isso ajudará as crianças a criar expectativas a respeito dos gêneros textuais que vão encontrar no livro.
2. Será que entre as adivinhas e os trava-línguas selecionados para o livro existem alguns que os alunos já conhecem?

Durante a leitura:

1. Deixe que folheiem o livro para se inteirarem de sua organização em duas partes: uma para as adivinhas e outra para os trava-línguas e outras enroscadas.
2. Decida com as crianças por onde começar: pelas adivinhas ou pelos trava-línguas?
3. Ao folhear o livro para descobrir sua organização, provavelmente terão descoberto que, na p. 30, se encontram as respostas das adivinhas. Será que perceberam que as adivinhas estão numeradas?
4. Desafie-os a tentar desvendar as respostas antes de consultar a lista de respostas e explique que, se forem bastante observadores e investigarem com cuidado as ilustrações da página ao lado, vão encontrar as respostas bem desenhadinhas. Para quem conseguir vê-las, é claro. Por exemplo, na p. 7 há cinco adivinhas e na p. 6, cinco ilustrações que

sugerem as respostas. A resposta da adivinha 2 — QUE SERÁ? PENSEM BEM! ESTÁ EM TUDO E NADA TEM — é a letra “D”, que está sendo servida na bandeja que o garçom carrega na figura à direita, na parte inferior da página.

A atividade sugerida envolve a interpretação tanto do escrito como das ilustrações. Para isso, é preciso articular texto e imagem.

5. Ao lado de cada página com trava-línguas há também páginas ilustradas em que é possível localizar, na composição, elementos que remetem a cada texto. Essa brincadeira que vai do texto para a imagem e da imagem para o texto promove o desenvolvimento da habilidade de estabelecer relações entre texto e imagem.

Depois da leitura:

1. Projeto “Esfinge: Decifra-me ou te devoro!”

Na região de Tebas, na Grécia, há uma lenda que conta a história de uma esfinge, um monstro meio leão, meio mulher, que devorava aqueles que não conseguiam responder a seus enigmas. Mas a esfinge podia ser derrotada pela inteligência e pela esperteza de quem, usando a cabeça, descobria as respostas de suas charadas.

Que tal organizar um campeonato de adivinhas?

O primeiro passo é pesquisar o maior número de adivinhas possível. Depois que as crianças tiverem um bom repertório, organize o campeonato. Uma turma disputa com a outra: a criança de uma classe faz uma pergunta e as crianças da outra classe têm um tempo para responder.

Combine com elas as regras e bom divertimento!

2. Trava-línguas exploram, intencionalmente, a repetição de consoantes ou de grupos de consoantes que produzem o jogo verbal que caracteriza a brincadeira. Esse recurso expressivo chama-se “aliteração”. A habilidade de detectar aliterações favorece o progresso da descoberta dos valores sonoros que as letras podem representar. Ao entrar em contato com a versão escrita de um texto que sabem de cor, as crianças vão percebendo as semelhanças oralmente e conseguem, com mais facilidade, estabelecer conexões entre as letras e os fonemas que elas representam.

Depois que tiver explorado a brincadeira oralmente, desafie-os a descobrir a letra que, na escrita, representa aquele som que dá nó na língua na hora de falar o trava-língua bem depressa.

3. Organize um torneio de leitura dos trava-línguas em voz alta. Promova uma enquete: quais os trava-línguas mais fáceis e quais os mais difíceis. Se quiser, organize um gráfico para registrar os resultados.

4. Na internet, você também encontrará alguns *sites* que poderão ampliar e auxiliar seu trabalho sobre o assunto:

- www.instituto-camoes.pt/cvc/exercicios/index2.html

No site há uma relação de adivinhas e espaço para tentar uma resposta. Quem não conseguir pode pedir dicas das letras que compõem a palavra.

- www.citador.pt/citador.php?cit=7

As adivinhas são organizadas por lotes. É possível arriscar um palpite antes de consultar a resposta.

- www.ifolclore.com.br/brinc/travalingua/
Apresenta mais de 250 trava-línguas.



LEIA MAIS...

1. DE MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA

- *Salada, saladinha* — São Paulo, Moderna
- *Enrosca ou desenrosca?* — São Paulo, Moderna

2. DE ROSANE PAMPLONA

- *Era uma vez... três!* — São Paulo, Moderna
- *Novas histórias antigas* — São Paulo, Brinque Book
- *Outras novas histórias antigas* — São Paulo, Brinque Book
- *A princesa que tudo sabia... menos uma coisa* — São Paulo, Brinque Book

3. SOBRE O MESMO GÊNERO

- *Adivinhe se puder* — Eva Furnari, São Paulo, Moderna
- *Travadinhas* — Eva Furnari, São Paulo, Moderna
- *O que é?* — Ana Maria Machado, São Paulo, Salamandra
- *O livro do trava-língua* — Ciça, Rio de Janeiro, Nova Fronteira
- *Armazém do folclore* — Ricardo Azevedo, São Paulo, Ática
- *Meu livro do folclore* — Ricardo Azevedo, São Paulo, Ática